

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ISABELA MARIANA BRAZ DE OLIVEIRA

A Caminhada de Vida: Memórias e Reflexões sobre o Processo Educacional e de Formação
de uma Educadora

Patos de Minas
2025

ISABELA MARIANA BRAZ DE OLIVEIRA

A Caminhada de Vida: Memórias e Reflexões sobre o Processo Educacional e de Formação
de uma Educadora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Pedagogia- EAD da Faculdade Federal de Uberlândia, para
obtenção do título de Licenciado.

Patos de Minas
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

O48 Oliveira, Isabela Mariana Braz de, 2000-
2025 A Caminhada de Vida [recurso eletrônico] : Memórias e
Reflexões sobre o Processo Educacional e de Formação de uma
Educadora / Isabela Mariana Braz de Oliveira. - 2025.

Orientador: Marcos Daniel Longhini.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Pedagogia.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. Educação. I. Longhini, Marcos Daniel,1976-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Pedagogia. III.
Título.

CDU: 37

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

ISABELA MARIANA BRAZ DE OLIVEIRA

A Caminhada de Vida: Memórias e Reflexões sobre o Processo Educacional e de Formação
de uma Educadora

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Pedagogia- EAD da Faculdade Federal de Uberlândia, para
obtenção do título de Licenciado.

Patos de Minas, 05 de dezembro de 2025

Banca Examinadora:

Nome – Titulação (UFU)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avós, que foram meu alicerce, meu porto seguro e minha primeira escola de amor, coragem e dignidade. À minha tia, que esteve ao meu lado em cada passo, estendendo-me a mão, o colo e a força de que eu precisava para seguir. Tudo o que sou e tudo o que conquisto carrega um pouco de vocês. Obrigada por terem escolhido ficar, cuidar, ensinar e amar. Este sonho também é de vocês.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao professor Marcos Longhini, pelo incentivo, motivação e orientação ao longo desta etapa da caminhada acadêmica. Sua confiança foi fundamental para que este trabalho se tornasse possível e para que eu pudesse avançar com segurança e determinação.

Aos colegas, que estiveram comigo nos desafios, nas trocas de experiências e nos momentos que fortaleceram não apenas o percurso acadêmico, mas também vínculos que levarei para a vida. Sou grata pelo apoio, parceria e aprendizado coletivo construído ao longo desta jornada.

Agradeço também a Alícia Ramos do setor “reoferta”, da Universidade Federal de Uberlândia, por compreender a importância da continuidade da minha formação. Sua sensibilidade e apoio institucional foram fundamentais para que eu pudesse conciliar minhas responsabilidades e concluir mais esta etapa.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, deixo registrado meu sincero agradecimento.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa.”

(FREIRE, 2002, p. 69)

RESUMO

Este trabalho visa refletir sobre minha trajetória de vida. Meu nome é Isabela Mariana Braz de Oliveira, uma educadora em formação, que destaca a importância da educação no processo de construção da minha identidade e trajetória profissional. Através de um memorial formativo, o texto descreve os desafios e aprendizados vivenciados desde a infância, a convivência com os meus avós paternos, as escolhas relacionadas à educação e o processo de formação acadêmica, culminando na decisão de seguir a carreira de pedagoga. Este trabalho explora também o impacto das experiências pessoais, como a perda do meu avô e o diagnóstico de Alzheimer da minha avó, além dos desafios impostos pela pandemia de COVID-19. Ao final, a pesquisa reflete sobre as dificuldades e superações, e destaca o papel da educação como mudança de vida.

Palavras-chave: memória formativa, educação, trajetória pessoal, formação pedagógica, desafios acadêmicos, pandemia.

ABSTRACT

This work aims to reflect on my life trajectory. My name is Isabela Mariana Braz de Oliveira, an educator in training, highlighting the importance of education in the process of constructing my identity and professional path. Through a formative memoir, the text describes the challenges and lessons experienced since childhood, my relationship with my paternal grandparents, the choices related to education and the academic training process, culminating in the decision to pursue a career as a pedagogue. This work also explores the impact of subjective experiences, such as the loss of my grandfather and my grandmother's Alzheimer's diagnosis, as well as the challenges imposed by the COVID-19 pandemic. In conclusion, the research reflects on the difficulties and triumphs and highlights the role of education as a life-changing force.

Keywords: formative memory, education, personal trajectory, pedagogical training, academic challenges, pandemics.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DESENVOLVIMENTO	13
2.1 Trajetória de Vida e Formação: Desafios Que Me Moldaram	13
2.2 Primeiros Passos no “Carrossel” da Vida Escolar	15
2.3 Ensino Fundamental e Ensino Médio: A Escola Pública na Minha História	17
2.4 A Docência e a Arte de Educar os Pequenos	19
3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	25
3.1 Educação, Formação Humana e Transformação Social	25
3.2 A Escola na Perspectiva das Famílias e da Sociedade	25
3.3 Políticas Educacionais e Legislação	25
3.4 Profissão Docente e Desenvolvimento Profissional	25
4. DISCUSSÃO	26
5. CONCLUSÃO	27
6. REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

A trajetória de formação de um educador é marcada por vivências pessoais, desafios, conquistas e aprendizagens que ultrapassam os limites da escola e se entrelaçam com a vida familiar, social e afetiva. Este memorial tem como propósito reconstruir e refletir sobre minha caminhada desde a infância até a escolha pela docência, evidenciando como minhas experiências contribuíram para a constituição da minha identidade pessoal, acadêmica e profissional. Nasci e cresci em um contexto permeado por dificuldades, responsabilidades precoces e ausência parental, mas também por amor, acolhimento e incentivo à educação, elementos que moldaram profundamente minha visão de mundo e o meu compromisso com a prática educativa.

Ao narrar essa trajetória, busco compreender de que maneira a educação se tornou, ao longo dos anos, o eixo estruturante da minha vida, atuando como ferramenta de transformação e emancipação, conforme defendem Freire (1996) e Saviani (2008). Da Educação Infantil ao Ensino Médio, do ingresso no mercado de trabalho ainda jovem até a escolha consciente pela carreira docente, cada etapa da minha história foi acompanhada por desafios que exigiram resiliência, dedicação e sensibilidade. Esses desafios, entretanto, abriram caminho para descobertas significativas sobre mim mesma e sobre o papel social da escola, revelando a educação como espaço de proteção, crescimento e mobilidade social.

Além de reconstruir essa trajetória, este memorial fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, articulada à pesquisa narrativa, por se apoiar na rememoração e interpretação das minhas vivências, e à autoetnografia, ao relacionar minha história pessoal às dimensões sociais, educacionais e às políticas públicas que atravessaram minha formação. Para isso, utilizo como fontes de dados minhas memórias e experiências pessoais, documentos legais — como a LDB, o PNE e a EC nº 59/2009 —, produções acadêmicas de autores que discutem a formação docente, bem como estudos e pesquisas institucionais da UNESCO (2015), IPEC (2023) e INEP (2019).

O desenvolvimento deste memorial ocorre por meio da construção de uma narrativa cronológica sobre minha trajetória escolar, familiar, profissional e acadêmica, articulada às reflexões teóricas que dialogam com esses percursos. Adoto procedimentos de análise interpretativa, buscando compreender como cada experiência se relaciona com a literatura científica e com o cenário educacional brasileiro. Assim, está escrita não se limita ao relato de episódios, mas se configura como um exercício crítico de compreensão das aprendizagens, dos desafios enfrentados e da constituição da minha identidade docente. Dessa forma, reafirmo à docência como escolha de vida e compromisso ético com a formação humana.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Trajetória de Vida e Formação: Desafios que me moldaram

Este memorial busca narrar a história da minha vida, desde a infância, passando pela educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e a escolha pela carreira pedagógica. A partir dessas vivências, pretendo refletir sobre como as dificuldades enfrentadas influenciaram minha trajetória profissional e o meu compromisso com a educação.

A trajetória educacional de uma pessoa é, muitas vezes, marcada por desafios e conquistas que não podem ser dissociados de suas experiências de vida. Ao longo de minha formação como educadora, vivi situações que moldaram minha compreensão sobre o papel da educação na transformação pessoal e social.

A educação é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento humano, atuando como instrumento de transformação pessoal, social e econômica. Ela ultrapassa o papel de simples transmissão de conhecimento, configurando-se como um processo contínuo de formação integral do indivíduo.

Nesse sentido, discutir a relação entre educação, desenvolvimento pessoal e profissional é compreender que o aprendizado é condição essencial para a emancipação humana e para o progresso coletivo.

No âmbito pessoal, a educação promove o autoconhecimento, a autonomia e o senso crítico. Freire (1996) destaca que a educação deve ser um ato libertador, capaz de levar o indivíduo à consciência de sua realidade e à ação transformadora sobre ela. Assim, ao aprender, o sujeito desenvolve competências cognitivas e socioemocionais que o torna mais apto a lidar com desafios, tomar decisões éticas e contribuir ativamente para a sociedade. A formação humana, portanto, não se limita à instrução, mas envolve o desenvolvimento de valores, atitudes e habilidades que fortalecem a identidade e a cidadania.

No campo profissional, a educação é essencial para o ingresso e a permanência no mercado de trabalho.

Segundo Saviani (2008), a educação é um meio de qualificação da força de trabalho, ao mesmo tempo em que possibilita o desenvolvimento das potencialidades humanas. Em um mundo globalizado e tecnológico, a aprendizagem contínua se torna indispensável para acompanhar as transformações do mercado e para promover a inovação. A qualificação profissional, aliada à formação ética e crítica, prepara o indivíduo não apenas para exercer uma profissão, mas para atuar de forma reflexiva e criativa diante das demandas sociais.

O impacto da educação nas populações é visível em diversas dimensões. A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2015) afirma que o investimento em educação de qualidade reduz desigualdades, melhora indicadores de saúde, aumenta a renda média e fortalece a democracia. Populações com maior nível educacional tendem a participar mais ativamente da vida política, a respeitar direitos humanos e a contribuir para o desenvolvimento sustentável. Além disso, a educação promove inclusão e mobilidade social, sendo uma das formas mais eficazes de combater a pobreza e a exclusão.

Assim, a educação é um vetor de desenvolvimento pessoal, profissional e social. Ela forma sujeitos críticos e autônomos, qualifica trabalhadores e transforma realidades coletivas. Investir em educação é investir no futuro, no fortalecimento da cidadania, na redução das desigualdades e na construção de sociedades mais justas e solidárias.

Cada indivíduo carrega uma história única que impacta diretamente sua forma de ver o mundo e, consequentemente, sua forma de aprender e ensinar. Sendo assim, ao narrar minha história de vida pessoal e profissional estarei, de alguma maneira, resgatando, interpretando e ressignificando minhas experiências.

Sou natural do estado de Minas Gerais da cidade de Patos de Minas. Nascida e criada no interior pelos avós paternos, que tiveram a difícil decisão de ficar, de não desistir, de lutar por nós. Nasci no ano de 2000, filha de um jovem casal, tendo o meu pai 15 anos e minha mãe 17 anos na época. Meus pais ainda muito jovens se depararam com a difícil decisão da vida deles: de querer enfrentar a maternidade e paternidade, de querer ficar e cuidar. Mas, essa não foi a realidade. Passei a morar na casa dos meus avós paternos e era criada por eles e pela minha tia que me davam amor, apoio, moradia, alimentação, educação e uma qualidade de vida excelente. Uma família que enfrentou dificuldades, mas que sempre acreditou na importância da educação.

Isso vai ao encontro dos dados da pesquisa nacional com foco em percepções e expectativas dos pais sobre a escola pública, que aponta a maneira que muitos pais entendem a escola tanto como espaço de aprendizagem formal quanto de proteção social, como aponta Pinto (2006).

Já o estudo qualitativo de Souza (2013) investiga os significados que pais atribuem à escola dos seus filhos; mostra que as famílias articulam expectativas instrumentais, preparação para o trabalho, formativas, educação de valores e cidadania.

Nesse contexto, destacamos ainda o levantamento de opinião pública do IPEC, 2023, que mostra elevada concordância entre brasileiros sobre a importância de melhorar a educação

pública para resolver problemas nacionais como violência, pobreza e desigualdade, evidência de que a sociedade atribui à escola papel central no desenvolvimento social.

Ramos (2009) também nos oferece uma reflexão histórica e analítica sobre as funções política, pedagógica e do trabalho atribuídas à escola brasileira em diferentes momentos para compreendermos como a visão social da escola se constrói historicamente.

Desta maneira, desde muito jovem, fui incentivada pelos meus avós e pela minha tia a valorizar os estudos, o que me impulsionou a buscar conhecimento mesmo diante das adversidades.

2.2 Primeiros Passos no “Carrossel” da Vida Escolar

Comecei a vida escolar ainda muito nova, com apenas dois anos de idade, na escolinha Carrossel. Era uma escola particular e a diretora dispôs 50% de desconto na mensalidade, pois, éramos vizinhos de longa data e minha avó trabalhava como faxineira da escolinha.

Nessa época, no ano de 2002, quando eu ingressei na escolinha não existia o PNA – Plano Nacional de Alfabetização como política nacional estruturada com esse nome.

O que existia em 2002 era o PNE – Plano Nacional de Educação 2001–2010 (Lei 10.172/2001) e dentro dele metas para alfabetização e para os anos iniciais, mas não um plano exclusivo nacional de alfabetização.

O termo PNA como política nacional só surgiu formalmente muito depois (2019 e 2023 em outro formato).

Atualmente o PNE (Plano Nacional de Alfabetização) vigente sob a Lei 13.005/2014 no Brasil, possui destaques para pontos principais, desafios e implicações para a prática docente. Ele segue metas, como o Meta 5: Alfabetização Infantil, “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do terceiro ano do ensino fundamental”. Tal meta define que a alfabetização, interpretação, leitura, escrita e habilidades matemáticas básicas, devem estar asseguradas nesta faixa etária. As estratégias contempladas incluem estruturar os processos pedagógicos nos anos iniciais, articular com a pré-escola, qualificar e valorizar professores alfabetizadores, apoio pedagógico, tecnologias educacionais, atenção a crianças do campo, indígenas, quilombolas e alfabetização de pessoas com deficiência.

A legislação educacional brasileira define regras claras sobre a idade de ingresso na educação básica, de modo a garantir o direito à educação e respeitar o desenvolvimento infantil. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/1996) estabelece que a educação básica é composta pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, e que o acesso deve ocorrer de forma progressiva conforme a idade.

A entrada na escola é obrigatória a partir dos 4 anos de idade, etapa correspondente à Educação Infantil. Essa obrigatoriedade foi reforçada pela Emenda Constitucional nº 59/2009, que ampliou o dever do Estado e da família de garantir educação básica dos 4 aos 17 anos.

No meu caso, entrei na escola antes da idade atualmente prevista na legislação. Me lembro bem de como era minha primeira escola, das tarefas que eram auxiliadas com tanto amor pela minha tia e, que além dos meus avós foi parte essencial na minha criação. Nessa época, minha tia fazia o curso de História, na faculdade Unipam. Aos finais de semana ela me levava ao teatro, parque do Mocambo, lagoa, igreja, entre outros pontos turísticos da cidade.

Três anos após meu nascimento, minha mãe engravidou da minha irmã, e nesse mesmo ano, 2003, iniciou sua vida em outro destino, afastando-se ainda mais das filhas. Minha irmã ainda tão pequena, prematura, foi resgatada para ser criada junto comigo, com nossos avós. Eu já estudava, minha irmã também com dois anos foi introduzida na vida escolar, embora essa idade não fosse exigência da lei, ingressamos em escola particular e assim, crescemos juntas e fizemos a Educação Infantil na escolinha Carrossel, que era próxima à nossa casa.

A presença de professores como a tia Fatinha, que me alfabetizou, e que foi uma inspiração para mim foi essencial na minha vida, além do apoio constante de meus avós e tia, moldaram minha visão sobre a educação como um caminho para um futuro melhor. A educação, para mim, foi sempre sinônimo de oportunidade.

Assim, o acesso à educação mudou minha vida, pois tive a oportunidade de começar minha vida profissional como professora do ensino infantil. Como docente espero que consigamos, no ambiente escolar, alcançar o objetivo de promover o desenvolvimento humano pleno do aluno, não apenas o cognitivo; a formação de cidadãos críticos, éticos e participativos, preparados para a vida em sociedade e o mundo do trabalho, equilibrando teoria e prática, assim como aponta Freire (1996). Parafraseando-o: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou construção”.

Para Saviani (2008), a educação é um instrumento de transformação social para reduzir desigualdades, promover a inclusão e o respeito à diversidade, construir uma sociedade mais justa e democrática.

Com tudo isso, como agentes participantes dessa transformação, esperamos que nossa profissão seja valorizada, como aponta Gatti (2009), sobre o reconhecimento do papel social do magistério com melhores condições de trabalho e remuneração justa e a garantia de formação continuada com apoio pedagógico.

Por isso a importância de professores preparados e sábios, pois, cada pessoa que passa em nossa vida é única, sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós, como diz Saint-Exupéry, 2013, em “O Pequeno Príncipe”.

2.3 Ensino Fundamental e Ensino Médio: a escola pública na minha história

Meus anos iniciais do Ensino Fundamental foram em escola pública. Tive a oportunidade de estudar na ¹Escola Estadual Professor Antônio Dias Maciel. Nesse período fui para uma escola e minha irmã para outra. Lembro-me que a alfabetização foi um processo leve, em um ano já estava lendo e escrevendo cursivamente. Ainda nos anos iniciais do Ensino Fundamental, eu participava das festas juninas, que, por mais que não fossemos da religião católica, minha tia, sempre me levava para me deixar feliz. Me recordo das apresentações do Dia dos Pais, Dia das Mães, ainda criança não entendia toda aquela situação, mas me confortava em ver meus avós lá, em tudo e para tudo, pois eles tiveram a difícil decisão de ficar conosco, e ficaram, nos dando amor, carinho, afeto, educação, ensinando sobre valores.

Nesse período dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no ano de 2009, minha mãe engravidou novamente, pela terceira vez, e era outra menina. O destino dela foi o mesmo que o nosso. Eu, já crescida, por livre espontânea vontade ajudei minha avó a cuidar da minha irmã caçula. Ela também foi introduzida na vida escolar com dois anos de idade. Foi uma oportunidade que nós tivemos de ingressar na escolinha com essa idade, visto que a proprietária

era nossa vizinha, amiga da minha avó de muitos anos e nos proporcionava descontos nas mensalidades. Além disso, minha avó ajudou na faxina da escolinha por um tempo.

Minha avó trabalhava muito em serviços domésticos em casa, meu avô tocava seu barzinho com a ajuda da vovó, ambos vieram da roça, então eles não eram muito de expressar sentimentos, afinal foram criados em uma época em que não se demonstrava tanto afeto. Mas demonstravam seu amor com ações, sempre estavam lá nas apresentações, reuniões escolares, na compra dos materiais, nos momentos marcantes e no principal, nos dias comuns, nos cuidados diários.

Quando iniciei no Ensino Fundamental II, ainda estava na mesma escola, me dedicava aos trabalhos, estudava para as provas, minhas notas eram boas. Mas também essa era minha obrigação, porque dentro de casa não era exigido nada nos afazeres, apenas a estudar para não perder o ano letivo.

E, assim, foram longos anos de estudo e sem nenhuma reprovação. Já no primeiro ano do Ensino Médio, decidi mudar de escola. Mudei para outra escola pública ²Escola Estadual Professor Zama Maciel, essa era mais próxima da minha casa, e até então já tinha estudado no turno vespertino, e estava nessa época no turno diurno.

No segundo ano do Ensino Médio, decidi que iria estudar à noite porque queria trabalhar durante o dia.

Essa era também uma realidade no Brasil, visto que, de acordo com estudo baseado no Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) para o Ensino Médio em 2019, no turno noturno 59,9% dos estudantes trabalhavam em alguma função mais de 2 horas por dia em dias de aula. E em uma pesquisa específica, foi constatado que 73% dos alunos entrevistados no ensino médio noturno disseram que trabalham durante o dia como principal motivo para estudar à noite.

Minha realidade não fugia à estatística e eu teria também que trabalhar durante o dia e estudar no período noturno. Mas naquele ano eu não consegui um emprego, então decidi fazer o terceiro ano do Ensino Médio no período diurno novamente. E, nesse ano, vivi o momento mais difícil da minha vida, a morte do meu avô por câncer, e naquele momento meu mundo desabou. Ainda me dói, ao escrever este memorial de saber que não vou poder compartilhar essa vitória com meu avô, mas mesmo ele não estando aqui, essa vitória será dele também.

2.4 A Docência e a Arte de educar os pequenos

Depois disso, nesse mesmo ano consegui um trabalho de meio período como ³monitora escolar, escola que trabalho até hoje, agora como professora do ensino infantil. Estudava de manhã e trabalhava à tarde, por vontade própria, pois nessa época se quisesse poderia optar por não trabalhar.

Ao final do terceiro ano do Ensino Médio tentei vestibular do curso de Direito na UFU e não consegui passar. Ainda no mesmo ano, também prestei vestibular no Unipam, porém não obtive sucesso. Sofri muito com a reprovação, afinal era um sonho cursar Direito, mas não deu certo, e hoje entendo que foi porque naquela época da minha vida não tive condição de me dedicar tanto quanto deveria.

No ano seguinte, na escola particular em que trabalhava como monitora de alunos, em meados do mês de julho, com dezoito anos de idade, me destaquei na atividade que exercia e os proprietários me chamaram para conversar, e me ofereçam uma turma de maternal. Eles disseram enxergar em mim potencial, e que se eu quisesse estariam dispostos a me dar a chance de ser professora se eu me comprometesse a fazer a faculdade de Pedagogia ou o ⁴Curso Normal em Nível Médio Professor de Educação Infantil. Tais cursos sugeridos me permitiriam lecionar como educadora. Aceitei a proposta, mas até então, cursar Pedagogia não estava entre minhas principais escolhas, e essa oportunidade de trabalho, ainda tão nova, fez com que despertasse esse interesse em atuar na área da educação.

No segundo semestre daquele ano iniciei o curso de Pedagogia à distância e minha trajetória como educadora, sem ainda ter concluído a graduação. E ao final do ano de 2018, iniciou uma nova fase que transformou minha vida novamente, na transição de menina para mulher, minha avó, mãe de coração começou a desenvolver indícios de Alzheimer. Ela que era uma pessoa tão saudável, começou com confusão mental, acredito que a falta do meu avô fez com que desencadeasse esse processo. Minha avó sempre foi forte e batalhadora, e naquela época ela estava criando minha irmã caçula, que tinha dez anos de idade, além de cuidar e dar suporte para mim e minha irmã do meio que era adolescente.

Eu estava na mesma situação que meus avós passaram há muitos anos, da difícil decisão de querer ficar. E, assim escolhi, com apenas dezoito anos, a jornada de cuidar da casa, das minhas irmãs, da minha avó e, ao mesmo tempo trabalhar como educadora.

Me inspirei muito na diretora da escolinha, a Neide, que me ajudou com seus cadernos da época em que ela lecionava. Seu material, guardado com capricho, serviu de modelo para meus planos de aula.

Tive como exemplo também a professora, tia Juliana, pois, como monitora dela pude acompanhar a maneira como ela conduzia as aulas. Uma profissional excepcional, ética, humana e com uma bagagem de conhecimento raro. Mesmo assim, ela continuava estudando, buscando conhecimento e aplicando tudo em suas aulas, que serviam de inspiração para a vida além dos muros da escola.

Conforme meu sentimento no início da minha carreira como educadora, me identifiquei com Carvalho (2023) quando aponta que o professor iniciante no Brasil é marcado por fragilidades estruturais. O ingresso na carreira de educador é um processo não apenas individual, mas social, institucional e organizacional. Os estudos revelam que os primeiros anos de docência são um período de adaptação intensa, insegurança, choque com a realidade escolar e solidão profissional. Assim, a maior parte dos trabalhos analisados, segundo a autora, descrevem desafios, sentimentos, dificuldades e processos de socialização dos iniciantes.

Existem, segundo ela, lacunas significativas como falta produção longitudinal, falta pesquisa avaliativa de programas de redes públicas, poucas análises sobre condições reais de trabalho e impacto institucional na permanência. Assim, o ingresso na profissão docente no Brasil ainda ocorre, majoritariamente, de forma individualizada, com baixa sustentação institucional.

Isso reforça a necessidade de políticas públicas de indução estruturada que apoiem o professor iniciante, reduzam a vulnerabilidade inicial e favoreçam desenvolvimento profissional contínuo e permanência na carreira.

A socialização profissional e a indução docente constituem dimensão estruturante da permanência, da aprendizagem da docência e da consolidação da identidade profissional.

Tudo isso vem de encontro ao meu início como discente no curso de Pedagogia, pois foi muito desafiador para mim, tanto na questão da adaptação com as práticas pedagógicas, como na questão pessoal, pois eu tinha as responsabilidades da casa. O processo nem sempre foi fácil, mas fui criada por pessoas fortes, então assim eu também aprendi de ser. Começou uma nova rotina na minha vida, trabalhar fora cuidar da casa, da família e estudar um curso

muito concorrido. Fui convocada na primeira chamada, fiz minha matrícula e iniciei as aulas em fevereiro, ao mesmo tempo que ainda cursava Pedagogia a distância no Unipam.

Porém, chegou um momento que não conseguia mais conciliar duas graduações, escolheria entre o “Magistério” ou a Pedagogia a distância. Me encontrei em um dilema complexo, estudar presencial ou a distância, escolher um curso técnico ou um curso superior. Ao colocar as duas hipóteses na balança, optei por me dedicar somente ao Magistério, que é um curso técnico direcionado para a Educação Infantil. Depois eu viria a cursar Pedagogia na UFU.

Mesmo diante das dificuldades, mantive o foco em meus objetivos e continuei acreditando que a educação poderia me proporcionar uma vida melhor. Ao longo dos anos, enfrentei vários desafios, como a perda de familiares, a mudança para diferentes escolas, o trabalho enquanto estudava, e as reprovações em vestibulares. Foram dois anos de curso, nesse período conciliava tempo com a família, e o trabalho fora. No decorrer desse tempo no curso aprendi várias coisas que agregaram para minha atual formação como professora.

Outro desafio que passei foi quando nos deparamos com a pandemia de ⁵COVID-19. Isso afetou a todos, e a educação foi uma das áreas mais impactadas. Durante esse período, os cursos foram adaptados para a modalidade EAD e as aulas presenciais foram suspensas. Para mim, esse período foi desafiador, pois, enfrentei as dificuldades de adaptação ao ensino remoto. No entanto, esses desafios também me ensinaram sobre resiliência e a importância de seguir em frente, mesmo nas situações mais adversas.

Tínhamos diversas disciplinas, uma grade extensa, eram duas professoras somente, pois naquela época cortaram grande parte da verba para o curso Normal em Nível Médio Professor de Educação Infantil. E, não se sabe por que desse corte.

Eram em média cinquenta alunos, as professoras se desdobravam, uma delas ficou com a parte teórica, enquanto a outra com a parte prática. Os estágios eram extensos, por ser focado somente na área da Educação Infantil e com uma carga horária longa a ser cumprida. Tenho ainda pastas de estágios, uma pasta decorada e cheia de documentos e anotações, também tenho cadernos de Didática, cantigas, entre tantos outros materiais de trabalhos que foram apresentados, desenvolvi muitos trabalhos práticos durante o curso, a maioria em grupo.

Depois do estágio, da formatura é hora de colocar em prática o que foi aprendido.

Nesse aspecto, Freire (1996) comprehende a relação entre teoria e prática como práxis, isto é, ação humana consciente, crítica, reflexiva e transformadora. Para ele, a prática

pedagógica não é simples aplicação técnica de teorias prontas, mas espaço de reinvenção, diálogo, leitura crítica da realidade e produção de conhecimento situado. Assim, o professor, inclusive o iniciante, produz saber pedagógico na experiência concreta com os sujeitos, refletindo criticamente sobre essa experiência, reelaborando hipóteses, ajustando seus fazeres e construindo teoria novamente. Teoria e prática, portanto, são movimentos circulares, históricos, inacabados e dialéticos. Não há prática sem teoria e não há teoria sem prática, o movimento é dialético e indissociável.

O mesmo autor pontua, então, que teoria não serve para descrever o mundo, ela serve para transformar o mundo. A prática não é execução de teoria, mas ação-reflexão-ação. Isso se aplica muito bem a professores iniciantes que estão justamente construindo seu saber docente na prática viva.

Nestes termos, minha jornada educacional foi repleta de desafios, mas também de aprendizados preciosos com a dedicação dos professores que fizeram parte da minha vida, o apoio dos meus avós e a força que encontrei em minha família foram essenciais para que eu pudesse seguir com meus estudos e me tornar educadora. A decisão de seguir o caminho da educação foi uma escolha de vida, e hoje, ao refletir sobre minha trajetória, entendo o quanto a educação pode transformar a vida de uma pessoa, proporcionando-lhe não só uma profissão, mas também uma forma de contribuir para o desenvolvimento de outros.

Como eterna aprendiz, sigo minha trajetória como discente, atualmente matriculada no curso EAD – Ensino à distância em Pedagogia – Licenciatura na Universidade Federal de Uberlândia, no sétimo período, segundo semestre de 2024. O ensino à distância conta com o ambiente virtual para apoio às aulas da educação à distância, sendo graduação, especialização, cursos de extensão e aperfeiçoamento. A grade contém as disciplinas, dívidas em oito períodos, subdividido em bloco I e bloco II.

Em vias de concluir o curso, considero que tais disciplinas da grade curricular complementam o curso técnico de Magistério que fiz, agregando muito em meu aprendizado.

Ao final pude observar e vivenciar a prática pedagógica desenvolvida em instituições de educação escolar e não escolar, problematizar a prática docente, a atuação do profissional pedagogo e refletir sobre o impacto da cultura e da diversidade nas práticas pedagógicas.

O Seminário Institucional das Licenciaturas é um componente curricular obrigatório, apresentado que visa refletir atividades realizadas nos Projetos Interdisciplinares.

A formação inicial em Pedagogia contempla um conjunto de disciplinas que fundamentam a prática docente e possibilitam a compreensão da educação em sua complexidade social, histórica, política, ética e epistemológica. O estudo das metodologias

específicas de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Ciências são essenciais para que o futuro professor desenvolva práticas de ensino significativas, interdisciplinares, críticas e inclusivas, garantindo aprendizagem de qualidade.

As Didáticas, distribuídas em etapas, introduzem o papel da Didática na formação de professores, suas bases teóricas, a relação com as teorias pedagógicas e o planejamento do ensino. Em Didática IV, aprofunda-se a dimensão da avaliação, compreendida como processo formativo e regulador da aprendizagem.

Disciplinas como História da Educação, Sociologia da Educação e Psicologia da Educação fornecem bases teóricas para interpretar a educação como fenômeno social, cultural e humano, com ênfase na leitura crítica da realidade, nos processos históricos e nas teorias psicológicas que influenciam aprender e ensinar.

Princípios e Organização do Trabalho Pedagógico e o estudo da Alfabetização contribuem para entender o papel social da escola, os desafios históricos do país, e a necessidade de propostas de alfabetização que considerem o sujeito, a cultura e as condições concretas de aprendizagem – evitando reducionismos metodológicos.

A Filosofia da Educação desenvolve visão crítica, ética e humanista sobre a função social da escola e os sentidos da prática pedagógica. Educação Especial, Comunicação, Tecnologia Assistiva, Arte, Educação Infantil, Educação Ambiental, Currículos e Culturas Escolares, Política Educacional, Sociedade, Trabalho e Educação, Gênero, Sexualidade e Relações Étnico-Raciais ampliam a compreensão da diversidade, da inclusão, do desenvolvimento humano integral, das políticas públicas e da escola como espaço social, político e cultural.

Portanto, a formação em Pedagogia é estruturada para possibilitar ao futuro professor compreender o ensino para além de técnicas e conteúdos isolados articulando teoria e prática, pensamento crítico e transformação social, garantindo atuação qualificada, democrática, ética e inclusiva na Educação Básica.

Isso agregou em minha vida profissional uma visão ampliada de educação para não me tornar apenas um executor de conteúdo, mas refinar a capacidade de desenvolver análise crítica e profunda frente às políticas educacionais e realidades escolares.

Foi fundamental também a compreensão de diferentes áreas do conhecimento e suas metodologias, que me permitiram aprender como planejar, ensinar e avaliar de forma eficaz e contextualizada. Isso me trouxe mais autonomia intelectual e didática para construir minhas propostas pedagógicas, competência para atuar de modo interdisciplinar, capacidade de inovar com responsabilidade pedagógica, habilidade de leitura da realidade e tomada de decisões

pedagógicas fundamentadas teoricamente, mas, principalmente a formação ética, humanista e socialmente comprometida com a transformação da realidade e garantia do direito à aprendizagem.

Tudo isso me proporcionou uma formação sólida, crítica e fundamentada, que me habilita não apenas ensinar conteúdos, mas compreender a complexidade do processo educativo e atuar de forma ética, consciente, reflexiva e transformadora na Educação Infantil.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

3.1 Educação, Formação Humana e Transformação Social

- **FREIRE (1996)** defende a educação como ato libertador, capaz de promover autonomia, consciência crítica e ação transformadora.
- **SAVIANI (2008)** enfatiza a educação como qualificação da força de trabalho e desenvolvimento de potencialidades humanas, articulando formação profissional e emancipação social.
- **UNESCO (2015)** evidencia o impacto da educação na redução de desigualdades, mobilidade social, saúde pública e fortalecimento da democracia.

3.2 A Escola na Perspectiva das Famílias e da Sociedade

- **PINTO (2006)** aponta que famílias veem a escola como espaço de aprendizagem formal e proteção social.
- **SOUZA (2013)** destaca que pais atribuem à escola significados ligados à formação cidadã, valores e preparação para o trabalho.
- **IPEC (2023)** revela alta concordância da população sobre a necessidade de melhorar a educação pública para enfrentar problemas sociais.
- **RAMOS (2009)** discute historicamente as funções políticas e pedagógicas da escola brasileira.

3.3 Políticas Educacionais e Legislação

- **PNE (2001–2010)** e **PNE atual (Lei 13.005/2014)**, com destaque para a *Meta 5 – Alfabetização Infantil*.
- **LDB nº 9.394/1996** e **EC nº 59/2009**, sobre obrigatoriedade do ingresso escolar aos 4 anos.
- Estudos do **INEP (2019)** sobre estudantes trabalhadores do ensino médio noturno.

3.4 Profissão Docente e Desenvolvimento Profissional

- **GATTI (2009)** discute a valorização docente e a importância da formação continuada.
- **CARVALHO (2023)** analisa as fragilidades estruturais do professor iniciante no Brasil, destacando a falta de programas de indução docente.
- **FREIRE (1996)** também fundamenta a relação dialética teoria–prática como práxis transformadora no processo educativo.

4 DISCUSSÃO

A partir da perspectiva freiriana, é possível compreender que minha trajetória revela a educação como uma verdadeira práxis transformadora. À luz de Freire (1996), cada desafio enfrentado — como abandono parental, doença familiar, a perda do meu avô e as dificuldades impostas pela pandemia — impulsionou meu desenvolvimento crítico, fortalecendo meu compromisso ético e social com a educação. Minha história evidencia, assim, a essência da práxis freiriana, caracterizada pela relação indissociável entre ação, reflexão e transformação, tanto no meu percurso pessoal quanto na forma como comprehendo o papel do educador.

Da mesma forma, as vivências ao longo da minha formação reafirmam que a escola se constituiu como um espaço de proteção, cuidado e mobilidade social. As análises de Pinto (2006) e Souza (2013) ajudam a compreender que a instituição escolar, para além da função instrucional, representou para mim acolhimento, construção de valores, segurança emocional e oportunidades de futuro. Essa percepção dialoga também com os dados do IPEC (2023), que mostram que muitas famílias, assim como a minha, depositam na educação a esperança de superar desigualdades e transformar suas condições de vida.

No que se refere à construção da identidade docente, minha entrada precoce na profissão evidencia um aspecto amplamente discutido por Carvalho (2023): a ausência de programas estruturados de apoio ao professor iniciante no Brasil. Assim como apontam as pesquisas, enfrentei inseguranças, acúmulo de responsabilidades e falta de suporte institucional, elementos que caracterizam a fragilidade das condições de trabalho docente. Ainda assim, consegui consolidar minha identidade profissional por meio da prática, do diálogo, da observação de referências positivas e da formação contínua, reafirmando a relevância das reflexões de Saviani (2008) e Gatti (2009) sobre a valorização, a formação crítica e o desenvolvimento profissional dos educadores.

Por fim, minha formação acadêmica ampliou de maneira significativa minha compreensão sobre a educação e sobre o papel social da docência. A graduação em Pedagogia permitiu articular teoria e prática, reconhecer a complexidade da escola e atuar com intencionalidade ética, inclusiva e transformadora, conforme defendem Freire, Saviani e as políticas públicas que orientam a educação básica. Meu percurso demonstra que a formação docente é um processo permanente, dialógico e contextualizado, que se constrói nas experiências, nos estudos e nas relações, fortalecendo o compromisso com uma prática pedagógica crítica e humanizadora.

CONCLUSÃO

Ao finalizar minha análise reflexiva da graduação até o presente momento, reconheço que minha trajetória foi marcada por profundos desafios pessoais e educacionais que contribuíram diretamente para minha formação. Crescer em um contexto familiar adverso, permeado por abandono parental, dificuldades financeiras e responsabilidades precoces, exigiu de mim maturidade, coragem e resiliência. Ainda assim, mantive um percurso escolar contínuo, sem reprovações, e ingressei no mercado de trabalho antes mesmo de concluir o ensino médio, experiência que reforçou meu senso de responsabilidade e meu compromisso com a educação.

Nesse caminho, a construção da minha identidade docente ocorreu de forma gradual e significativa. A descoberta da vocação para o magistério teve início na prática como monitora, onde pude vivenciar, pela primeira vez, o sentido profundo de ensinar. Assumir uma turma de Educação Infantil ainda muito jovem foi um marco na minha história, pois me desafiou a desenvolver autonomia pedagógica, sensibilidade e observação atenta, inspirada por professoras que me mostraram o valor da escuta, da intencionalidade e do acolhimento.

Minha formação acadêmica também desempenhou papel essencial nesse processo. O curso Normal (Magistério) me proporcionou ricas experiências práticas, estágios diversificados e produção de materiais pedagógicos que ampliaram minha compreensão do trabalho docente. Posteriormente, a graduação em Pedagogia na Universidade Federal de Uberlândia aprofundou esse percurso, permitindo que eu articulasse teoria e prática com criticidade. A pandemia e o ensino remoto também transformaram minha percepção sobre o ensinar, exigindo adaptação, criatividade e novas aprendizagens.

Hoje, na consolidação da minha atuação como professora de Educação Infantil, desenvolvo diariamente competências didáticas, éticas, humanas e reflexivas que fortalecem minha prática pedagógica. A participação em seminários, projetos interdisciplinares e práticas educativas contextualizadas ampliou meu entendimento sobre o papel social da escola e reafirmou meu compromisso com uma docência sensível, crítica e transformadora.

Ao olhar para tudo o que vivi, comprehendo que sou uma aprendiz em constante construção. Estou mais próxima de concluir mais essa etapa acadêmica, mas sei que este é apenas o início de uma vida de estudos. Como afirma Freire (1996), a educação “trata-se de aprender a ler a realidade para, em seguida, poder reescrever essa realidade”. E é isso que desejo para minha prática docente: estar sempre preparada para transformar vidas, assim como a educação transformou a minha.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CEB nº 2, de 9 de outubro de 2018.* Trata da idade mínima para ingresso na educação infantil e no ensino fundamental. Brasília: CNE, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CEB nº 6, de 20 de outubro de 2010. Define diretrizes operacionais para a matrícula inicial no ensino fundamental de nove anos. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 21 out. 2010.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. Acrescenta o §3º ao art. 76 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, ampliando a obrigatoriedade da educação básica. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 12 nov. 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1, Brasília, DF, 10 jan. 2001.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. *Ações Diretas de Inconstitucionalidade nº 6.035 e nº 6.038.* Relator: Min. Luiz Fux. Julgamento em 1º ago. 2018.

CARVALHO, M. A. A. A entrada na carreira docente: uma revisão sistemática (2000–2018). *Revista Brasileira de Educação*, v. 28, 2023.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernadete A. *Profissão Docente e Formação: Perspectivas e Desafios.* Brasília: UNESCO, 2009.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. O ensino médio noturno e o acesso à educação básica: uma análise a partir do Plano Nacional de Educação. *Cadernos de Estudos e Pesquisas em Políticas Educacionais*, v. 5, 2021.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro.* São Paulo: Cortez, 2011.

PINTO, F. C. F. A escola pública na opinião dos pais. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 2006.

RAMOS, J. F. P.; LEITE, A. A.; FILGUEIRAS FILHO, L. A. Função social da escola: qual o lugar do pedagógico, do político e do trabalho. In: FORTALEZA (CE). Secretaria Municipal de Educação. *Novos rumos para velhas questões? participação, cidadania e gestão na escola municipal.* Fortaleza: Edições SME, 2009. v. 1, p. 21–36.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia.* Campinas: Autores Associados, 2008.

SOUZA, V. L. T. Os sentidos da escola para os pais. *Psicologia Escolar e Educacional / PepsiCo*, 2013.

TODOS PELA EDUCAÇÃO; IPEC. *Pesquisa de percepção dos brasileiros sobre a educação*. 2023.

UNESCO. *Relatório de Monitoramento Global da Educação 2015: Educação para todos 2000–2015 – conquistas e desafios*. Paris: UNESCO, 2015.